

Com flores e velas virtuais: as práticas do luto nos cemitérios *on-line* (1994-2011)¹

JULIA MASSUCHETI TOMASI *

Realizar um cortejo fúnebre, vestir o morto com sua mortalha, participar do velório, tocar os sinos de morte e visitar o cemitério no dia 2 de novembro são alguns dos rituais de morte presentes no decorrer dos séculos. Entre os variados rituais relacionados com a morte do ente está o luto - palavra que remete aos sentimentos de dor e tristeza, o luto tem variados significados, mas quando mencionado, é logo associado ao pesar pela morte de alguém². O luto, como bem sintetiza Edgar Morin (1997: 80),

exprime socialmente a inadaptação individual à morte, mas, ao mesmo tempo, ele é este processo social de adaptação que tende a fechar a ferida dos indivíduos sobreviventes. Após os ritos da imortalidade e o fim do luto, após um 'penoso trabalho de desagregação e de síntese mental', só então a sociedade 'tendo voltado à paz, pode triunfar da morte'.

De acordo com Jeffrey Kauffman (2004: 321), que atribui várias definições para a palavra luto, esta pode ser compreendida como

¹ Este trabalho faz parte da minha dissertação, intitulada “**Eternamente Off-Line**”: as práticas do luto na rede social do *Orkut* no Brasil (2004-2011), defendida no ano de 2013, no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC).

* Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2010) e mestre em História pela mesma instituição (2013). Atualmente é doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de história, com ênfase em estudos sobre morte, atuando principalmente nos seguintes temas: ritos funerários, luto, cemitérios e morte. Agência financiadora da pesquisa: CAPES. E-mail: juliamtomasi@hotmail.com

² A morte de uma pessoa próxima costuma causar muitas dificuldades para a vida dos que ficam, podendo transformar-se em um luto saudável e conciso, como também traumático, ocasionando implicações psíquicas na vida do enlutado, desenvolvendo “até o aparecimento de doenças psicossomáticas, depressão, ansiedade, melancolia e psicopatias.” (OLIVEIRA, 2001: 92). Inicialmente, logo depois da morte, o luto costuma ser representado pelas lágrimas e lembranças constantes do ente falecido, mas após alguns anos, é demonstrado principalmente por um distante sentimento de saudade. No entanto, dependendo do grau de parentesco e da ligação afetiva com o falecido, a duração do luto pode variar. Alguns enlutados podem demonstrar seu pesar por mais tempo, atingindo inclusive algumas décadas, como aqueles que passam por uma morte trágica, enquanto outros podem expressar mais brevemente. Do mesmo modo que a duração do luto, pode-se destacar a forma como este é manifestado, sendo que algumas pessoas conseguem demonstrar sua dor mais naturalmente, enquanto outras são mais recolhidas e introspectivas. Enfim, o luto como a memória, vai modificando-se com o passar dos anos, tendo em vista que “não é um processo moldado (‘elaborado’) no tempo histórico.” (PORTELLI, 2006: 109).

[...] uma resposta psicológica à morte ou a outra qualquer perda, e é igualmente a expressão ou comunicação dessa resposta. [...] O luto é, então, entendido como o ritual do luto.

O luto é um processo de posicionamento face à perda e à morte.

O luto é habitualmente descrito como ocorrendo em estágios ou fases. As teorias desenvolvimentistas dividem o trabalho de luto numa série de fases ordenadas sequencialmente no tempo.

No decorrer da história, o luto foi vivenciado de diferentes formas, sendo que muitos dos rituais cristãos de luto encontrados desde o medievo, e que perpassaram até a contemporaneidade, são herdados do luto judaico. Entre tais rituais pode-se destacar o luto fechado, que costuma findar com a missa de sétimo dia, as missas mensais e anuais realizadas em memória dos entes mortos, a celebração anual do dia de finados, entre outros ritos de morte, conforme destaca Júlio de Queiroz (2008: 73).

Na primeira metade da Idade Média, as práticas de luto eram um dos rituais de morte mais dramáticos. Estas eram manifestações bastante violentas, pois os enlutados, logo após a morte do ente querido, “rasgavam suas roupas, arrancavam a barba e os cabelos, esfolavam as faces, beijavam apaixonadamente o cadáver, caíam desmaiados e, no intervalo de seus transes, teciam elogios ao defunto, o que é uma das origens da oração fúnebre”, como apresenta Ariès (2003: 107-108).

Já era encontrado também no medievo o trabalho feito pelas carpideiras, as mulheres que eram pagas para chorar e demonstrar a dor da perda durante o funeral, através de choros, gritos e lamentações (ARIÈS, 2003: 128). Em muitos países, as carpideiras tomaram o espaço anteriormente ocupado pela família e amigos durante os rituais de *post-mortem*, perdendo-se com isso a autenticidade e espontaneidade³.

Diferentemente, do final da Idade Média até o século XVIII, o enlutado tinha que expressar sua dor da perda por determinado período, mesmo que esta não estivesse mais presente, de modo que o tempo de luto poderia “ser reduzido ao mínimo por um novo casamento precipitado, mas nunca era abolido.” (ARIÈS, 2003: 71). Outra característica é a visitação constante dos familiares e amigos à casa da família enlutada, sendo que nesse

³ As carpideiras ainda são bastante encontradas no Oriente Médio, já que através delas aumenta-se “a intensidade dos lamentos e as dimensões da tristeza socialmente obrigatória: elas se arrancam os cabelos, espalham cinzas, rasgam suas roupas, laceram a si mesmas com as unhas, num ritual que talvez provoque mais emoção do que exprima”, como ressalta Rodrigues (2006: 41).

período teve início o ritual de reclusão e resguardo dos enlutados, afastando-os inclusive de algumas exéquias⁴. O objetivo para o período de reclusão é explicado por Ariès através de duas motivações: permitir que os sobreviventes que estavam realmente enlutados e infelizes pudessem resguardar sua dor do mundo, “consentindo-lhes esperar, como um doente em repouso, a amenização de seus sofrimentos” (ARIÈS, 2003: 247); e um meio de “impedir os sobreviventes de esquecerem demasiado cedo o falecido, excluindo-os durante um período de penitência, das relações sociais e dos prazeres da vida profana.” (ARIÈS, 2003: 248).

A partir do século XIX, modificam-se essas formas de praticar o luto, sendo tais transformações como um retorno aparente, depois de sete séculos, dos modos espontâneos presentes na Alta Idade Média (ARIÈS, 2003: 72). Os enlutados passam então a demonstrar o sofrimento espontaneamente ou de modo histérico para os psicólogos de hoje: chora-se, jejua-se, desmaia-se e desfalece-se, tocando até mesmo os limites da loucura, de forma que essas manifestações eram para os enlutados bastante legítimas e necessárias. Tal “excesso” das práticas de luto durante o século XIX tem para Ariès (2003: 72) um significado: “os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro.”

E no decorrer do século XX e na primeira década do XXI, alteram-se novamente as expressões de luto. Em muitos países ocidentais⁵, e principalmente nas zonas urbanas, nota-se

⁴ Durante o século XIX, a reclusão e o resguardo dos familiares do falecido se tornaram mais voluntários do que obrigatórios, não sendo mais proibida a participação dos familiares nas exéquias, como nos cortejos e velórios, de modo que “não mais se tolerava que fossem as mulheres afastadas dos serviços fúnebres, como antigamente” conforme aponta Ariès (2003: 249). As mesmas práticas de reclusão estiveram presentes em algumas cidades brasileiras até a primeira metade do século XX, como observado em Urussanga, interior de Santa Catarina. Nessa cidade, muitos dos familiares do falecido, em especial os mais próximos, como a esposa e os filhos, não podiam sair de casa para festejar um aniversário, ficando “durante meses e às vezes anos resguardados dentro de casa, visto que a vida social dos enlutados era controlada.” (TOMASI, 2010: 96).

⁵ As características da morte e das práticas do luto apresentadas no decorrer desse trabalho se restringem a morte ocidental, em especial dos países católicos. Pode-se destacar, nesse sentido, alguns rituais bastante diferentes dos encontrados no ocidente e presentes em algumas partes do mundo, como no continente africano e australiano. Segundo Sigmund Freud (1996: 68-69), um “*dos costumes mais estranhos, e ao mesmo tempo mais instrutivos, que estão ligados ao luto é a proibição de pronunciar o nome da pessoa morta. Esse costume é extremamente disseminado, manifesta-se de variadas formas, e tem conseqüências importantes. É encontrado não apenas entre os australianos e polinésios (que geralmente nos apresentam as observâncias de tabus em melhor estado de conservação), mas também entre povos separados uns dos outros por grandes distâncias como os samoiedos da Sibéria e os todos da Índia Meridional; os mongóis da Tartária e os tuaregues do Saara, os ainos do Japão e os akamba e os Nadi da África Central [...] Em alguns dos casos, a proibição e suas conseqüências duram apenas o período do luto; noutros, são permanentes, mas parecem invariavelmente diminuir de rigidez com a passagem do tempo.*”

geralmente o luto isolado, individual, silenciado e sem o negro na vestimenta, presente desde a idade moderna, no século XVI. Chorar na presença de familiares, amigos e vizinhos pode parecer vergonhoso e deprimente para muitos, de forma que chora-se comumente em casa, porém não junto dos demais, e sim em um cômodo escondido, longe do círculo familiar.

Essa individualização da dor da perda acaba fazendo com que a morte diga respeito apenas ao enlutado, que a vivencia desamparado, de modo que nenhum enlutado pode escapar “ao trabalho de luto, o aspecto mais angustiante da nossa memória, pois nos confronta com a presença invisível daqueles que nos precederam”, como enfatiza o historiador Michel Vovelle (2010: 13). E quanto mais o falecido for “próximo, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, ‘único’ [para o enlutado], mais violenta é a dor; nenhuma ou quase nenhuma perturbação se morre um ser anônimo, que não era ‘insubstituível’.” (MORIN, 1997: 32).

E, contemporaneamente, como bem destaca Ariès, expressar a dor da perda não causa muitas vezes sentimento de pena nos indivíduos, mas sim

repugnância; é um sinal de perturbação mental ou de má-educação, é mórbido. Dentro do círculo familiar ainda se hesita em desabafar, com medo de impressionar as crianças. Só se tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso, como uma espécie de masturbação – a comparação é de Gorer (ARIÈS, 2003: 87).

Conforme destaca Jeffrey Kauffman (2004: 322), as transformações dos rituais de luto na era pós-moderna são profundamente evidentes, sendo que “os rituais de luto perderam o seu poder normativo e o seu valor de orientação implícito, as teorias e os estudos sobre o luto através dos métodos das ciências positivas e da psicologia surgiram para ajudar a definir e a sancionar o luto.”

Espera-se que o indivíduo enlutado seja discreto no seu trabalho de luto, de modo que demonstre pouca ou nenhuma lágrima e comoção nos rituais de morte, como no velório, no enterro e nas missas realizadas em intenção ao ente falecido, segundo evidencia o antropólogo Mauro Guilherme Pinheiro Koury (2002: 80): “Discreto, também, deve ser, o comportamento do enlutado nos diversos trâmites socialmente valorizados de despacho do corpo e da expressão de sofrimento público no processo de despedida (velório, enterro, missa de sétimo dia etc.).”

Nesse mesmo contexto, percebe-se que a sociedade, que nos séculos passados fazia-se presente após a morte, visitando e apoiando o enlutado, agora está, em muitos casos, distante, talvez pelo medo de não saber expressar as condolências adequadas ou vergonha de mostrar a dor, o sofrimento e as lágrimas.

Em algumas cidades brasileiras, sobretudo das áreas rurais, percebe-se que durante a primeira metade do século XX, muitas práticas do luto ainda eram constatadas, visto que o luto era representado pela vestimenta preta⁶, pelas visitas e mensagens de condolências de parentes e amigos e pelas intervenções na vida social, como o resguardo dentro de casa.

Entretanto, em grande parte das cidades brasileiras, as transformações das práticas do luto foram se intensificando no decorrer do século passado. Entre as décadas de 1960 e 1970, o luto gradualmente foi deixando de lado seu caráter público e interativo, e a vestimenta preta “como sinônimo de dor cai em desuso”, conforme destaca a socióloga Marisete Horochovski (2009: 12). E no século XXI, a individualização da dor da perda pela morte faz parte da vivência de muitas pessoas e o luto tornou-se para muitos indivíduos um problema, quando não uma doença⁷.

Outra particularidade presente na contemporaneidade e assinalada pelo psiquiatra inglês Colin Parkes (1998), é que as práticas do luto são atualmente mais expressadas entre as mulheres do que entre os homens, sendo que quanto menor a família do falecido, maior é o sofrimento entre os integrantes. Desses membros do círculo familiar, as mulheres que perdem seus maridos e os pais que passam pela morte de um filho são os mais propícios ao luto individualizado, permanecendo mais tempo para esquecer o trauma da morte, em especial quando o falecimento acontece repentinamente, sem os “avisos” habituais, como uma doença grave ou a idade avançada.

Um indicativo desse luto traumático entre as mulheres, em especial entre as mães que passam pela morte de seus filhos é o grupo de Florianópolis “Enxugando Lágrimas”, que é formado por 10 mães que se encontram uma vez por semana, desde o ano de 2009. No grupo, estão presentes mulheres que buscam encontrar apoio para diminuir o sofrimento causado

⁶ Às vezes a cor preta não estava em toda a vestimenta, mas ao menos em alguma peça ou fita preta presa na roupa ou no chapéu.

⁷ Muitos enlutados são atualmente vistos ou tratados como depressivos.

pela morte de seus filhos, em especial jovens que morreram tragicamente, como em acidentes de carro e moto.

Conforme a reportagem do jornal Diário Catarinense, do ano de 2012, “O Mães Enxugando Lágrimas existe há mais de dois anos, em Florianópolis, e hoje tem a participação de 10 mães. Elas se encontram pelo menos uma vez por semana. É um grupo que busca ajudar, dar apoio e confortar mães que perderam os filhos.” (LOURENÇO, 2012). Segundo a mesma reportagem do jornal, entre as mães enlutadas que fazem parte do grupo está uma mulher que perdeu o seu filho em um acidente de moto. Ela descreve a dificuldade em lidar com a morte do filho, relatando que os encontros do grupo são bastante importantes, já que, às vezes nem mesmo a família quer ouvir falar sobre a perda do filho. Portanto, os encontros caracterizam-se como um espaço de trocas de experiência e ajuda entre as mães enlutadas.

Além disso, durante o século XX e a primeira década do XXI, o tempo de duração do luto diminuiu, de forma que as marcas públicas anteriormente tão comuns como as faixas pretas colocadas em frente às casas e comércios, que indicavam que se estava de luto, apagaram-se. E a ausência de alguns rituais de morte, como a não realização de um velório ou sepultamento, deixam muitos familiares e amigos do falecido “sem meios de expressar o luto e o pesar, tão necessário nessas circunstâncias.” (OLIVEIRA, 2001: 25). Assim, o sofrimento e a dor da perda podem estar presentes na vida do enlutado durante meses, anos e décadas, mas isso não deve ser demonstrado fora do âmbito individual.

Alguns enlutados acabam inclusive preservando a memória da pessoa morta por meio de seus objetos pessoais, como as roupas, sendo, às vezes, mantido intacto o quarto do falecido, como se este fosse retornar algum dia⁸. Para tais indivíduos, o processo do luto pode ocasionar também os bloqueios de memória, como esquecimentos de experiências vivenciadas junto do ente, antes deste falecer, em especial os fatos que ocorreram próximos à data da morte, além dos casos de enlutados que não recordam do velório ou enterro, aos quais efetivamente compareceram e participaram.

⁸ Segundo Roberto DaMatta (1997: 158), para muitos enlutados, seus entes mortos parecem não morrer, permanecendo vivos nas suas lembranças diárias, demandando atenção e reverências, sendo que, para DaMatta (1997: 155) “quanto mais saudade, mais intensa é a memória do morto ou do lugar. Quanto menos saudade, menos intensidade na recordação.”

Em suma, as práticas de luto, tão presentes no decorrer da história, como os choros constantes, o resguardo dentro de casa e a vestimenta preta, transformaram-se, no decorrer do século passado, em interditos, quando não em indiferenças em relação à morte. Com bem resume Ariès (2003: 250): “Hoje, à necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segundo as épocas, sucedeu, em meados do século XX, na sua interdição.”

E nesse contexto, percebe-se que contemporaneamente muitos enlutados utilizam de novos meios e espaços para expressarem a dor e a perda, como os *sites* de cemitérios *on-line*, encontrados desde meados da década de 1990, além das redes de sociabilidade, como os perfis pessoais de mortos na rede social do *Orkut*. Estes são ambientes virtuais em que os enlutados podem enviar mensagens de pesar nos memoriais de seus entes falecidos, conforme apresentado a seguir.

Assim, no decorrer dos séculos XX e XXI, além das transformações dos rituais *post-mortem* descritos anteriormente, como a práticas do luto que se tornaram tão individualizadas, solitárias e introspectivas, percebem-se, ao mesmo tempo, novas formas em lidar com a perda no mundo virtual. As contemporâneas práticas do luto na *internet*, como deixar mensagens de pêsames ou páginas *on-line* recordando o ente falecido, são encontradas em muitos *sites* de cemitérios *on-line*, que são criados para lembrar e preservar a memória do falecido. Existentes desde meados da década de 1990 em diversos países, como Alemanha, Estados Unidos, França e Portugal, os cemitérios *on-line* têm como principal objetivo disponibilizar páginas com memoriais de pessoas mortas.

Breves pesquisas na *internet* são suficientes para encontrar uma grande quantidade de cemitérios *on-line*, como o *Emorial das Erinnerungs-Portal Menchen gedenken*⁹, da Alemanha, o *Jardim Celestial Cementeiro Virtual*¹⁰, do Equador e o *MyCemetery.com*¹¹, dos Estados Unidos. Em muitos desses cemitérios, os visitantes podem depositar flores e velas

⁹ Portal *Emorial das Erinnerungs-Portal Menchen gedenken*: <<http://www.emorial.de/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

¹⁰ Portal *Jardim Celestial Cementeiro Virtual*: <<http://www.jardincelestial.com/index.html>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

¹¹ Portal *MyCemetery.com*: <<http://www.mycemetery.com/my/index.html>>. Acesso em: 18 fev. 2012.

virtuais¹² nos memoriais de cada falecido, além das mensagens de saudade, bastante frequentes nesses cemitérios *on-line*.

Imagem 1- Exemplos de *sites* de cemitérios *on-line*



Fontes: *Jardin Celestial Cementerio Virtual* (2012)

Um dos mais antigos cemitérios virtuais é o estadunidense “*The Virtual Memorial Garden*”¹³, criado no ano de 1995, por Lindsay Marshall. O *site*, que tem como único idioma disponível o inglês, é composto por seções com memoriais de pessoas mortas, de modo que cada falecido possui um espaço com informações gerais, como idade que possuía, nome completo e datas de nascimento e falecimento. Os visitantes podem criar gratuitamente tais memoriais, além de possuírem também a opção de incluir uma fotografia do ente e deixar mensagens de luto, que demonstram quase sempre dor e saudade, como no memorial a seguir, de uma filha que expressa seus sentimentos pelo falecimento de seu pai, que morreu no ano de 1983: “*I miss you dad, but you'll always be a part of my being. Thanks for everything! With all my love Your daughter [...]*”¹⁴.

¹² Para depositar as flores e velas virtuais, os visitantes necessitam adquiri-las nos *sites*, variando o valor dos produtos, conforme o cemitério. As velas costumam “apagar” e as flores “murchar” virtualmente depois de sete dias *on-line*.

¹³ Portal *The Virtual Memorial Garden*: < <http://catless.ncl.ac.uk/VMG/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

¹⁴ “Eu sinto sua falta pai, mas você sempre será uma parte do meu ser. Obrigado por tudo! Com todo o meu amor Sua filha [...]” (tradução da autora). Disponível em: <http://catless.ncl.ac.uk/vmg/B/Ba.html>. Acesso em: 10 jul. 2012.

Nesse cemitério *on-line*, os memoriais mais frequentes são os de adultos, mas existem alguns casos de crianças e natimortos, sendo encontrados inclusive memoriais de pessoas que morreram há anos, como de um bebê que nasceu e morreu no ano de 1927. Alguns desses memoriais infantis descrevem os últimos momentos de vida da criança, como também o motivo de sua morte, conforme exemplo a seguir, de um menino que nasceu em 1992 e morreu em 1995: “[...] *was a beautiful child, a happy child. He was doagnosed with cancer at 2 years old. He died just after his third birthday. We love him, and miss him*”¹⁵.

O *site* também possui um livro de visitas existente desde o ano de sua criação, de forma que os internautas podem assiná-lo deixando seu nome, *e-mail* e mensagem. O livro de assinaturas possui recados de visitantes de diversas partes do mundo, como México, Rússia, Alemanha e Inglaterra, sendo possível visualizar as centenas de mensagens criadas desde o ano de 1995, como algumas expostas abaixo:

*A very worthwhile service on the Internet (12/07/1995); Thank you for providing myself and others with the opportunity to express our bereavement over the loss of loved ones. It is reassuring knowing that loved ones will forever be immortalized and remembered (16/07/1995); A great idea. A fitting memorial for the on-line generation (21/07/1995); It was like being in a real cemetery (30/07/1995); Merging the virtual world of the InterNet with the virtual world of remembrance is more than logic (26/08/1995); This is a good page. It will let our loved one live in our hearts for ever (09/11/1995); Thank you so much for having this website. I'm a very private person when it comes to my emotions, so this helps me to be able to express my grief. God Bless You! (15/05/2007)*¹⁶.

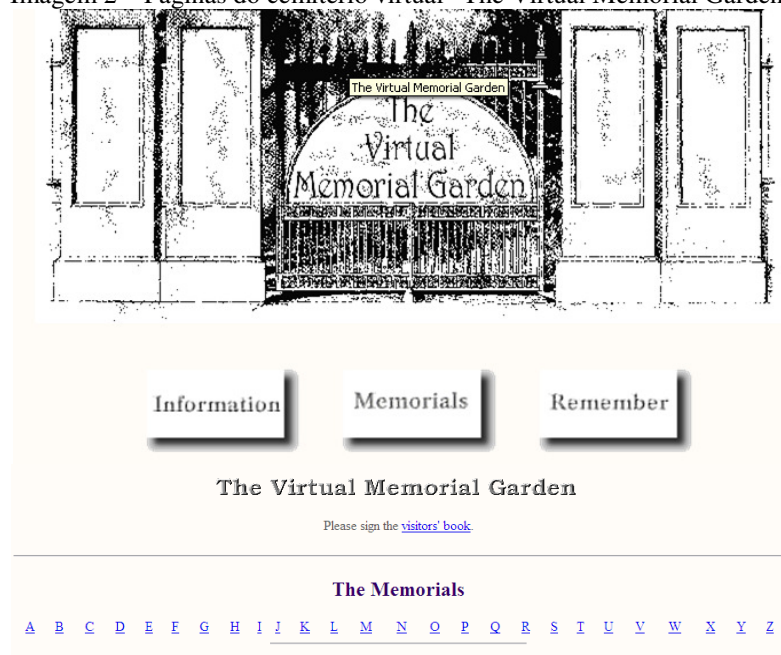
Percebem-se nas variadas mensagens que os internautas demonstram o interesse nos memoriais, sendo que alguns, já no ano de 1995, enfatizam a importância e utilidade das páginas criadas para os mortos. Entre as mensagens, pode-se destacar uma que foi enviada no ano de 2007, em que o enlutado menciona o valor da página, tendo em vista que ele se

¹⁵ “[...] era uma criança linda, uma criança feliz. Ele estava com câncer diagnosticado com menos de 2 anos de idade. Ele morreu logo após seu terceiro aniversário. Nós o amamos, e sinto sua falta” (tradução da autora). Disponível em: <http://catless.ncl.ac.uk/vmg/B/Ba.html>. Acesso em: 10 jul. 2012.

¹⁶ Um serviço muito útil na Internet; Obrigado por proporcionar a mim mesmo e aos outros a oportunidade de expressar nosso luto pela perda de entes queridos. É reconfortante saber que os entes queridos serão para sempre immortalizados e lembrados; Uma ótima idéia. Um memorial adequado para a geração *on-line*; É como estar em um cemitério real; Mesclando o mundo virtual da Internet com o mundo virtual de recordação é mais do que lógico; Os mortos estão por toda parte! Por que não na Internet!? Boa idéia. Obrigado; Muito obrigado por ter este site. Eu sou uma pessoa muito reservada quando se trata de minhas emoções, então isso me ajuda a ser capaz de expressar a minha tristeza. Deus vos abençoe! (tradução da autora). Mensagens disponíveis em: <http://catless.ncl.ac.uk/vmg/1995/aug.html>. Acesso em: 10 jul. 2012.

considera uma pessoa muito reservada, e que tem dificuldades para demonstrar sua dor no mundo *off-line*. Com isso, o enlutado agradece pela existência do *site*, pois através dele, expressar a dor e a tristeza pela morte do ente torna-se mais fácil.

Imagem 2 – Páginas do cemitério virtual “The Virtual Memorial Garden”



Fonte: *The Virtual Memorial Garden* (2012)

Outro cemitério *on-line* bastante acessado pelos internautas e que possui diversificadas práticas de luto é o “*Le Cimetière Virtuel*”¹⁷, criado na França, no ano de 2003. Segundo matéria do *site* Terra, o *Le Cimetière Virtuel* foi criado por Daniel Coing-Daguet, uma pessoa apaixonada por informática, que criou o endereço para fazer uma homenagem a seus artistas, cantores e escritores preferidos e que já haviam morrido. Depois de algum tempo “ele montou perfis para os familiares que partiam, e depois para os amigos, os amigos dos amigos. Até que hoje qualquer pessoa pode se cadastrar no endereço e registrar a página de quem quer que seja - com a condição de que a pessoa esteja morta” (TERRA, 2007).

O *Le Cimetière Virtuel* possui grande quantidade de perfis de falecidos, que são criados gratuitamente, de modo que o acesso aos visitantes não é permitido em todas as páginas dos memoriais, existindo algumas privadas, acessadas apenas com senha. No

¹⁷ Portal *Le Cimetière Virtuel*: <<http://www.lecimetiere.net/index.php>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

memorial de cada falecido, os enlutados podem depositar flores e velas virtuais e enviar mensagens de dor e saudade, além de possuir um espaço com fotografias e informações pessoais do ente morto. As velas e flores gratuitas duram 24 horas no perfil do homenageado, e posteriormente são apagadas. Quanto às outras homenagens, essas são vendidas pelo *site*, como os variados tipos de velas e arranjos de flores virtuais que duram sete dias no perfil, sendo que o vaso de flor mais barato pode ser adquirido por 1,80 euros, devendo ser pago com cartões de crédito/débito, transferência bancária ou cheque¹⁸.

Em datas especiais, como natal, dia das crianças, dia do falecido e, principalmente no dia de finados, o *site* recebe grande quantidade de visitas, em especial dos enlutados, como de familiares e amigos do morto, que deixam as mensagens de pesar, tristeza e sofrimento, além de depositarem as velas e flores virtuais. Nos dias de finados, percebe-se que alguns memoriais são bastante ritualizados com as variadas formas virtuais de homenagear o ente, de modo que algumas páginas ficam completamente “movimentadas”, floridas e enfeitadas, como se fossem verdadeiras sepulturas.

O *Le Cimetière Virtuel* é dividido em cinco seções, entre elas a “*Particuliers, Petits Anges, Célébrités, Religion e Mémorial*”¹⁹, podendo o visitante navegar por todas elas. Em cada uma destas seções, existe um espaço de introdução, com explicações do que se encontrará nesse item, como também os últimos dez falecidos acrescentados, os “aniversariantes” de nascimento e morte do dia, além do destaque dado aos perfis esquecidos (os menos acessados) e mais visitados daquela seção.

Imagem 3 – Página de entrada do Le Cimetière Virtuel

¹⁸ Pode-se observar que muitos dos cemitérios *on-line* tornaram-se um mercado bastante lucrativo, de modo que a morte e os mortos podem propiciar lucros para empresas de variados ramos. Assim, diferente das práticas do luto na rede social do *Orkut*, que é um espaço gratuito, podendo o enlutado mandar mensagens gratuitamente, necessitando apenas de um acesso à *internet*, na grande maioria dos cemitérios *on-line*, os visitantes necessitam pagar para enviar alguma mensagem, depositar uma vela ou flor virtual, ou mesmo para criar um memorial para seu ente falecido. Ou seja, muitos dos rituais de morte presentes nos cemitérios virtuais são comercializados, vendendo-se as flores, as velas ou as mensagens *on-line* por variados preços, conforme o modelo escolhido pelo cliente.

¹⁹ “Indivíduos, Pequenos anjinhos, Celebidades, Religião e Memorial” (tradução da autora).



Fonte: *Le Cimetière Virtuel* (2012)

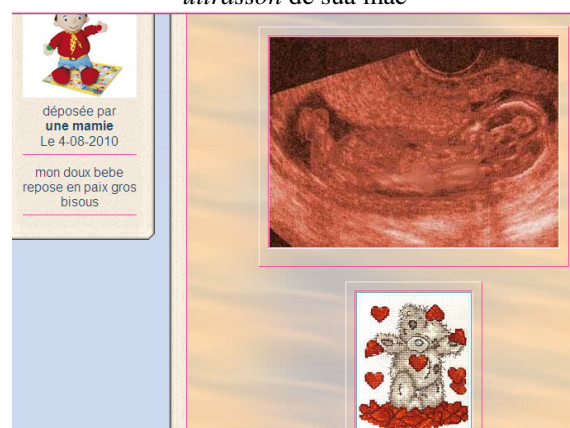
Uma das seções mais visitadas e ritualizadas pelos enlutados é a “Pequenos anjinhos”. Nela, encontram-se perfis de crianças falecidas de diferentes partes do mundo, como de natimortos, de bebês que morrem com poucos dias de vida, e também de crianças maiores. Nessa seção infantil, é grande a quantidade de recados deixados pelos familiares, especialmente pelos pais, sendo acrescentadas as mensagens diversas imagens de brinquedos, como bonecas, ursos e carrinhos, além das flores e velas virtuais. Junto ao perfil das crianças, são encontradas em alguns casos fotografias da sua sepultura (Imagem 4), das mães durante a gravidez, dos bebês hospitalizados e das crianças brincando. Um caso bastante particular é o perfil de um menino que já nasceu sem vida no dia 3 de fevereiro de 2005. No seu memorial, os familiares colocaram uma imagem do *ultrasson* de sua mãe, conforme exposto abaixo.

Imagem 4 - Memorial da seção “*Petits Anges*” com uma foto da sepultura de uma criança



Fonte: *Le Cimetière Virtuel* (2012)

Imagem 5 - Memorial de um natimorto com imagem do *ultrasson* de sua mãe



Fonte: *Le Cimetière Virtuel* (2012)

Já na seção “Indivíduos”, uma das maiores em número de perfis de falecidos, são encontradas páginas de pessoas que morreram com diversas idades (com exceção das crianças), e de variadas nacionalidades, como franceses, italianos, brasileiros, alemães, ingleses, argelinos e belgas. Nesses perfis, costumam aparecer fotografias, dados de identificação do morto, como idade que possuía, nome completo, nacionalidade, datas de nascimento e morte e o signo do zodíaco, além das flores, velas e mensagens de saudade deixadas pelos internautas.

Outro espaço bastante procurado pelos visitantes do *Le Cimetière Virtuel* é a seção “Celebidades”, que foi criada para homenagear famosos e personalidades históricas de vários períodos e de distintas partes do mundo. Ludwig Van Beethoven, Honoré de Balzac, Ayrton Senna, Johannes Kepler, Michael Jackson e Whitney Houston são alguns dos nomes encontrados nessas páginas de memoriais. Já na seção “Religião” estão presentes perfis de alguns religiosos falecidos, como o Padre Pio Francesco, o Papa João Paulo II e a Madre Theresa, além das homenagens realizadas aos santos, como São José, Santa Rita e Santa Teresinha do Menino Jesus. Em ambas as seções supracitadas, os visitantes podem enviar as mensagens de condolências e depositar as flores e velas, tanto as gratuitas quanto as pagas.

Por fim, a seção “Memorial” homenageia uma série de acontecimentos trágicos ocorridos em diversas partes do mundo no decorrer da história, além de pessoas que morreram nesses eventos, como soldados da Segunda Guerra Mundial. Entre as dezenas de episódios destacados estão: o atentado de 7 de julho de 2005, na cidade de Londres, o atentado de Madri, que ocorreu no dia 11 de março de 2004, a *Tsunami* de 26 de dezembro de 2004, o naufrágio do Titanic, em 15 de abril de 1912, o atentado as torres Gêmeas, ocorrido no dia 11 de setembro de 2001 e o terremoto no Haiti, no ano de 2010²⁰.

Além do *Le Cimetière Virtuel*, outro exemplar de cemitério *on-line* é o “Cemitérios de Portugal”²¹. Criado em 2010, no idioma português, o *site* disponibiliza gratuitamente jazigos virtuais para os falecidos. Nesses memoriais, podem ser incluídas informações gerais sobre quem era o morto, suas músicas favoritas, fotografias e vídeos, como também as mensagens

²⁰ Muitas das guerras e atentados ocorridos na última década não tiveram espaço nessa seção, como, por exemplo, a Guerra do Iraque e os atentados no Oriente Médio. Deve-se ressaltar, nesse sentido, que o *site* é hospedado na França, sendo elencados apenas acontecimentos trágicos que sejam mais significativos para tal país e para seus visitantes, em especial os franceses.

²¹ Portal Cemitérios de Portugal: <<http://www.cemiteriosportugal.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

de condolências e dedicatórias ao ente. Há também um espaço para divulgar a data e local do velório, das missas em homenagem ao falecido, o endereço da igreja em que estas serão celebradas, e também um mapa com o local do cemitério onde o falecido ficará sepultado. Segundo consta no *site*, tais dados disponibilizados no jazigo virtual substituem as antigas publicações realizadas nos jornais locais. E para facilitar a criação de um memorial, o *site* possui uma seção com todas as instruções, além de disponibilizar um modelo ilustrativo de jazigo virtual com dados fictícios, como dedicatórias, horários das missas e mapa do cemitério.

Nesse cemitério *on-line*, os visitantes dos jazigos virtuais também podem depositar flores e velas, que permanecem na página durante uma semana, de forma que é cobrada uma taxa individual para cada produto. Através da aquisição de créditos, que valem por um ano, a pessoa pode então enviar as flores e velas para qualquer jazigo, até seus créditos findarem ou expirarem. Nesse *site*, o visitante pode escolher entre oito opções diferentes de arranjos de flores, e apenas dois tipos de velas (Imagem 6).

Imagem 6 – Páginas do “Cemitérios de Portugal”



Nome de utilizador

Senha

Memorizar

Autenticação

- Perdeu a senha?
- Esqueceu-se do nome de utilizador?

Navegação

- Entrada
- Pesquisa avançada
- Flores e Velas
- Exemplo
- Como criar uma campa?
- Contactos
- Últimas campas

Patrocínios

Procurar

Cemitérios de Portugal

Grátis

Bem-vindo ao Cemitérios de Portugal.

A "Cemitérios de Portugal", foi criada para as pessoas poderem homenagear e recordar os seus entes queridos através da Internet. Para isso, construímos um cemitério on-line, onde é possível criar uma campa ou jazigo virtual grátis permanente, 24 horas on-line e de acesso mundial.

Em todas as campas ou jazigos, existe um espaço para depositar flores, velas, enviar as condolências e dedicatórias.

Flores:



Velas:



Fonte: Cemitérios de Portugal (2012)

Considerações finais

Em síntese, percebe-se que o enlutado vê nesses cemitérios *on-line* um espaço para praticar os rituais *post-mortem*, como através das expressões de luto nas mensagens de pesar, podendo o internauta recordar e preservar a memória do ente falecido. Em algumas datas especiais, como no dia de finados, os *sites* recebem uma grande quantidade de visitantes, como nos cemitérios físicos, de modo que alguns memoriais de falecidos ficam enfeitados e coloridos com a variedade de arranjos de flores e formatos de velas virtuais, da mesma forma que as sepulturas reais.

Mas, afinal, o que motiva os enlutados a escolherem os cemitérios virtuais para expressarem sua tristeza e pesar pela morte do falecido? Para muitos indivíduos, a ausência de um espaço físico para ritualizar seu morto, como uma sepultura em um cemitério físico, é um motivador para tal ocorrência, sendo os cemitérios virtuais como um espaço de memória, local em que se pode falar do ente morto e também da sua dor, como a saudade diária causada pela perda.

Enfim, muitos enlutados pagam para manter o jazigo de seus entes, porém, não no cemitério físico, mas no cemitério *on-line*, podendo visitá-lo diariamente em qualquer horário

e local, utilizando apenas as ferramentas do mundo virtual. Todavia, isso não significa dizer que essas práticas fúnebres, principalmente as de luto, são mais amenas e apáticas por estarem presentes no espaço virtual, já que muitos enlutados se sentem a vontade para demonstrar seu pesar pela morte do ente querido apenas na *internet*, como através das mensagens virtuais, que podem sintetizar a constante dor da perda em algumas palavras.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. No tempo do “Guardamento”: Rituais de morte narrados por velhos. In: SBS - Congresso Brasileiro de Sociologia, 14, 2009. Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em: <http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/15_6_2009_11_51_3.%20Hoffmann%20Horchovski.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

KAUFFMAN, Jeffrey. Luto. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver (Coord.). **Enciclopédia da morte e da arte de morrer**. Lisboa: Quimera Editores, 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção – RBSE**, v.1, n.1, pp.77-87, João Pessoa, GREM, abril de 2002.

LOURENÇO, Júlia Antunes. Mães que perderam filhos organizam a vinda de três médiuns a Florianópolis. **Diário Catarinense**, 01 maio. 2012. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2012/05/maes-que-perderam-filhos-organizam-a-vinda-de-tres-mediuns-a-florianopolis-3744796.html>>. Acesso em 02 maio. 2012.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997. 356 p.

OLIVEIRA, Tereza Marques de. **O psicanalista diante da morte: intervenção psicoterapêutica na preparação para a morte e elaboração do luto**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001. 209 p.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.103-130.

QUEIROZ, Júlio de. **Morrer para principiantes**: ensaios. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 132 p.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2 ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006, 260 p.

TOMASI, Julia Massucheti. **“Eternamente Off-Line”**: as práticas do luto na rede social do *Orkut* no Brasil (2004-2011). 2013. 178 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História (PPGHUDESC), Florianópolis, 2013.

_____. **Morte à italiana**: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. 2010. 120 p. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório, ou, o trabalho de luto**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.